

Fichamento de *A Obra* de Émile Zola

Martinho Alves da Costa Junior

O livro de Émile Zola foi escrito em 1886 e narra a história de Claude Lantier, um jovem pintor que trafega entre os acontecimentos histórico-artísticos daqueles anos. O livro é dividido em doze capítulos nos quais o protagonista sofre altos e baixos, euforia e desespero. O ritmo cíclico do romance se perpetua com outras marcações, como as quintas-feiras na casa de Sandoz e mesmo os salões, tanto o de 1863 quanto o de 1876. As descrições também se intercalam, mais dinâmica e variada em Paris e depois repetitiva e seca em Bennecourt.

No capítulo inicial há um encontro insólito entre Claude e aquela que será a sua mulher, Christine. Numa madrugada de verão, enquanto andava por Paris, a tempestade desponta violentamente ao retornar para a sua casa e ele a encontra em sua porta. Do encontro inesperado nasce com grande força um modelo em potencial para Claude, algo que faltava para a sua composição, sua obra-prima. Christine aceita posar para Claude em uma espécie de permuta (já que ele a abrigara naquela madrugada chuvosa), em uma relação inicialmente pragmática. Ela se sente constrangida e ele na certeza de achar a imagem ideal para sua obra que mandaria ao salão.

Nestes capítulos iniciais há um grande entusiasmo e esperança pelo protagonista e seus camaradas: as conversas fervorosas com seus amigos artistas, a determinação na criação artística e a certeza de ser partícipe das grandes mudanças nas artes visuais de seu tempo são marcas indeléveis nos cinco primeiros capítulos. Embora clame por algo novo nas artes, Claude permite-se creditar a importância de dois pintores nessas novas aspirações, Delacroix e Courbet, dois nomes que circundaram sempre o livro:

“Há apenas dois, Delacroix e Courbet. O resto é farrapagem. Hem! O velho leão romântico, que maneira altiva! Aí está um decorador que fazia sobressair os tons! E que pulso! Teria coberto todas as paredes de Paris, se lhe dessem licença; a sua paleta era fervente e transbordante” (39).

O primeiro já consagrado, no momento dos primeiros capítulos o pintor está a um ano de sua morte (1863), e o segundo já havia, entre os anos de 1840 e 1850, realizado importantes obras abrindo portas para o realismo (em 1855, por iniciativa própria e visto as recusas que suas obras sofreram para a exposição Universal daquele ano, Courbet realiza uma exposição que ele mesmo chamou de *Pavillon du Réalisme*). Apesar do reconhecimento desses artistas, Claude em uma longa conversa com seu amigo, o jovem escritor Sandoz, indica inclusive pontos falhos naquelas pinturas e o que deveria ser a nova força na pintura, sem dúvida uma pintura em *Plein Air*, com sua luz verdadeira, longe da artificialidade das criações em Atelier.

Este ritmo áureo e esperançoso é desfeito durante o capítulo cinco, no qual, em pleno salão dos recusados, de 1863, Claude vê seu quadro malograr no fracasso. Apenas Jory identificava nas risadas caçoantes do público elementos que serviriam para um futuro sucesso: “Isto é um êxito... Que me importa que eles dêem gargalhadas! Estamos lançados, amanhã todos os jornais falarão de nós”. O quadro apresentado por Claude era uma figura feminina da qual Christine tinha sido sua modelo. As mesmas risadas que traziam à mente de Jory um êxito, eram para Claude o atestado cabal de sua falha como artista.

Logo depois desse fracasso, Claude vai a um exílio voluntário. Juntamente com Christine se isola em Bennecourt. É um período no qual todas as forças de Claude são canalizadas para Christine. Ele fora para o campo com a promessa de que levaria consigo uma porção de estudos e obras, buscando motivos e inspirações, entretanto, pouco faz senão pequenos esboços. Entretanto, logo a cidade lhe faz falta, aquele ambiente cultural e seus amigos. Neste período de isolamento de Paris, seu filho, Jacques nasce.

O cotidiano no campo começa a afetá-lo e depois de três anos apenas com Christine, resolve voltar. Nos capítulos subsequentes (sobretudo, entre o sétimo e o décimo) se passam dez anos, e novas lutas são travadas, novas esperanças, entusiasmos e fracassos.

Afundava-se em miséria, o dinheiro acabara-se e ele não produzia para sequer poder comercializar seus trabalhos. Começou um grande projeto do qual se interrompia a todo o momento. Em uma hora a cor matinal não deixava o quadro bom, em outros momentos a composição era falha, um grau utópico de perfeccionismo que o impediam continuar a trabalhar. Como a renda era cada vez mais escassa, não havia dinheiro para pagar uma modelo. Desse modo Christine acaba por aceitar posar mais uma vez,

contudo agora eram horas e horas de trabalho, sempre recomeçado, no frio, com sono, fome e cansada. Ele implacável não via ali senão um modelo pronto a ser descoberto. Não demora até que ela desenvolva uma ojeriza por sua arte com ataques de ciúmes nos quais a obra transmuta-se em um sujeito.

O filho torna-se um elemento perturbador para o pai que procura cada vez mais um isolamento para a criação, a mãe sem reação continua colaborando nesse processo delirante de Claude. Jacques acaba por falecer vítima de toda aquela situação e é descrito com rudeza em um momento que seus pais teriam um importante papel no falecimento. Contudo, no desespero materno na perda do filho, Claude vê um grande motivo para uma pintura e ele manda ao salão *Criança Morta*. A obra consegue ser exposta graças aos esforços de seu amigo Fagerolles, pintor que naquele ano fazia parte do júri. Mais uma vez não obtém sucesso, sua obra fica escondida e quando não passa despercebida, recebe duras críticas. *Criança morta* entra no salão “par charité” (por caridade) que consistia a cada jurado levar uma obra para o salão, mesmo quando essa não era aprovada ou mesmo votada.

Nos capítulos finais vemos a deterioração completa do artista, perdido em sua obra, em seus preceitos que o levam a um estado próximo ao da loucura. Verdadeira descida aos infernos, Claude isola-se completamente enquanto os ataques de ciúmes de Christine são cada vez mais categóricos. Em seu completo desespero Claude comete suicídio e em novembro de 1876 se enforca diante de sua grande tela jamais terminada. Nunca compreendido, não chegou a ser unanimidade entre seus amigos ou entre o público, não existe preocupação em mostrar se se trata realmente de um grande artista que não consegue notoriedade ou um aspirante, que em sua incapacidade não aceita a indiferença de seus contemporâneos.

Alguns pontos destacados do romance

Salão dos Recusados

A *Obra* de Émile Zola está em grande sintonia com os acontecimentos culturais de sua época. O ambiente no qual o livro se desenrola diz respeito, sobretudo à modernidade que avançava artisticamente, especialmente sob a paleta de Édouard Manet e o grupo dos impressionistas. As descrições de muitas pinturas, do grande *Plein Air* de Claude, por exemplo, poderia facilmente estar atrelado a alguma obra deste período. Um momento no qual o realismo de Courbet já não é suficiente para os anseios

de novos artistas. Pensando em Claude logo lembramos de Manet ou mesmo Monet. Como na descrição de um esboço visto por Sandoz:

“Contudo, o assunto era o mesmo: o cais de S. Nicolau à esquerda, a escola de natação à direita, o Sena e a Cité ao longe. Mas ficou estupefato ao descobrir, em lugar do barco conduzido por um marinheiro, outro barco, muito grande, abrangendo toda a parte média da composição, e ocupado por três mulheres: uma, de costume de banho, remando; outra, sentada na extremidade do barco, as pernas na água, mostrava, com o colete um pouco desapertado, a espádua; a terceira, direita, completamente nua, mas de uma nudez tão resplandecente, que rebrilhava como sol” (237).

O tratamento da luz e a composição incomum aos olhos de Sandoz refletem o período de isolamento no campo de Claude onde pouco produziu. Contudo, boa parte do livro, mais precisamente até o capítulo cinco, as ações acontecem mirando o grande salão, não o oficial, mas o dos recusados. Em 1863, o júri do salão oficial de Paris que eram designados pela Academia recusou mais de 3000 obras. O protesto que já emanava sob o júri foi generalizado. Os pedidos para que tais obras fossem vistas pelo público e que ele o julgasse foram tão fervorosos que chegou até ao imperador, Napoleão III. Ele então determina em 24 de abril de 1863 que essas obras deveriam ser expostas no *Palais de L'Industrie* que havia sido construído para a exposição universal de 1855 (a construção que precede o Grand Palais). Uma enorme quantidade de pessoas aglutinava-se para ver as obras recusadas pela Academia, contudo, na maioria das vezes despertando a ira ou alvo de chacota pelos espectadores. O protagonista da obra de Zola expõe uma obra neste mesmo salão de 1863. Portanto, recusado pelo salão, o artista se vê também alvo do público que não reconhece nele o artista que acredita ser:

“Mas Claude quedava-se imóvel. Gelava-o um frio muito grande. O coração parou-lhe um momento, tão dura fora a decepção. E, com os olhos dilatados, atraídos e fixados por invencível força, murava o seu quadro, impressionando-se, mal o reconhecendo, naquela sala”. (123).

É neste salão inclusive que Manet expõe o seu *Le déjeuner sur l'herbe*, quadro que acarreta grande escândalo por sua composição e pela técnica empregada. Acusado de

não modelar as figuras, deixá-las chapadas, Manet é atacado por diversas frentes e mesmo assim sobressaiu como um grande artista.

Já na década de 70, mais precisamente 1874, os impressionistas faziam sua primeira exposição em grupo. Sob o nome de *Association des Artistes Peintres d'histoires e de genre, Sculpteurs, Graveurs, Architectes et Dessinateurs*, o grupo do qual faziam parte Monet, Pissaro entre outros abre um salão paralelo ao oficial. O escândalo é similar ao dos recusados e um quadro em específico, *Impression, Soleil Levant*, de 1872 de Monet é escolhido como alvo de zombaria do crítico de arte do jornal *Le Charivari*, Louis Leroy, no qual indicava que tais pintores não queriam nada senão criar impressões tratava-se apenas de impressionistas. O nome é aceito pelo grupo e pouco tempo depois começam a ser reconhecidos. No bojo destes acontecimentos, Claude sente-se excluído por uma sociedade incapaz de compreender suas obras, não preparada.

A cidade, o campo

Toda a trama é desenvolvida em Paris, exceto no capítulo seis, no qual Claude, juntamente com Christine vai para o campo, Bennecourt. Contudo, depois de algum tempo em Bennecourt, Claude não consegue firmar-se como artista, torna-se disperso, primeiro pelos encantos de sua mulher, depois lhe falta as conversas, os cafés, enfim o ambiente da cidade que ebule sobre ele.

“Quando se viu em Paris apoderou-se de Claude uma febre de ruído e de movimento, a necessidade de sair, de percorrer a cidade, de ir falar com os camaradas. Saía logo de manhazinha, deixando Christine a instalar sozinha o estúdio que tinham alugado na rua Douai, perto da avenida de Clichy” (167).

Era tamanha necessidade da cidade que o artista chega a esquecer de sua mulher, deixando-a sozinha para arrumar o retorno depois de três anos no campo. A cidade em si é mostrada como partícipe das criações, dos desejos e também dos fracassos. Ao sair do campo de volta a cidade Claude encontra uma Paris diferente daquela que ele deixara. É uma divisa entre o cenário artístico e também do mercado das artes.

O mercado, a modernidade

A figura do mercado das artes e do marchand é posto no livro pela personagem Naudet. Personagem perspicaz que vê nas telas possibilidades de ganho. Em seu retorno, Claude percebe como Naudet tinha se tornado alguém que modificara o comércio dos quadros. Era alguém oportunista, mas que sabia identificar uma obra-prima quando a via. Mas também um “especulador, um bolsista, que aborrecia completamente a boa pintura”.

O seu faro era em nome das vendas que ele poderia alcançar junto a seu público burguês. Desta forma, não lhe importava muito a qualidade, mas a percepção do que agradaria mais ou menos. Um papel intermediário entre o *connaisseur* e o simples amador, gabava-se em sua capacidade de fazer com que uma obra dobrasse ou mesmo triplicasse seu valor:

“Como! Mil e duzentos! Você não compreende então! Vale dois mil. Compro-o por dois mil. Com a condição de trabalhar de hoje em diante somente para mim, Naudet! Adeus, adeus, meu caro, não seja pródigo, está feita a sua fortuna, encarrego-me disso – E ei-lo que sai, levando o quadro na carruagem, passeando-o pelas casas dos seus amadores, entre os quais espalha a notícia de que acabava descobrir um pintor invulgar” (185).

Desse modo, como um precursor das modernas galerias, atrelava os artistas ao seu nome prometendo-lhes fortuna e reconhecimento. O mercado moderno que se mostra no livro passa por, além de Naudet e seu método “inovador”, pela própria academia, em que, legitimando artistas, atestam como boa pintura e, por conseguinte compra certa e “oficializada”. Mas a figura de Naudet transparece ainda outro aspecto. Com o surgimento de novos artistas e novas concepções que fugiam dos ensinamentos da Academia, os críticos especializados e a própria academia entravam em descrédito quando legitimavam como recusados, ou seja, que não é boa arte, artistas e concepções artísticas que eram entronizados pouco tempo depois. Naudet também se punha como mediador entre o não-conhecedor e as classificações da academia.

A modelo e a morte do Artista

A tragédia da vida de Claude é desenvolvida através do livro até a culminação de seu enforcamento diante de seu quadro inacabado. Porém, para se chegar a este patamar, sua mulher não consegue mais disfarçar o asco que sente por sua arte, a verdadeira rival, que lhe tira do lar e de sua própria vida. Praticamente em uma escolha entre sua obra-prima e sua mulher, a morte de Claude pode ser encarada metaforicamente como a morte de um período áureo da modernidade, do artista enquanto gênio criativo. A relação que pode ser vista como um ménage à trois (“vê-la [a obra] instalar-se entre eu e você”) é desfeita na incapacidade de resolução do problema e Claude prefere a morte ao se ver sem a possibilidade de trabalhar. E logo, pensando que reencontrou enfim seu marido, Christine o encontra ao lado de sua tela inacabada. Sua morte já havia sido renunciada com o retrato de seu filho morto e sua vontade latente em mostrá-lo como tal, uma tradução de seu desespero e ao mesmo tempo sua obsessão pela morte.

As vidas dos dois amigos, artistas que começam suas carreiras praticamente juntos, Sandoz e Claude, são antípodas. O primeiro bem sucedido, de encontro com o sucesso cuja transformação durante os anos são também opostas a de Claude, um ganha posses e se encontra em uma casa melhor, o outro símbolo do fracasso, termina miseravelmente sua vida, sem, contudo conseguir votos de confiança. E sua arte, por fim, é considerada por muitos como medíocre. No término do romance vemos a vida de Claude, totalmente sacrificada em nome da arte, sem os frutos dos quais ele procurou com persistência durante toda a obra.